

Por Bruno Laforé
e Isabel Harari

Os ataques terroristas aos Estados Unidos, em 11 de setembro de 2001, contribuíram para a transformação da geopolítica mundial. O professor Reginaldo Nasser, do Departamento de Política da PUC-SP analisa este processo.

Contraponto – Os atentados de 11 de setembro em Nova York contribuíram para a associação do terrorismo com Estados islâmicos?

Reginaldo Nasser – Na verdade, o que contribuiu foi a construção em cima do 11 de setembro. Por exemplo, o líder, Mohamed Atta, era um egípcio (que ao perfil da Al-Qaeda são os menos religiosos), fez carreira acadêmica na Alemanha, morou muito tempo na Europa, não tinha nenhum passado de ação terrorista, não manjava armas, não manjava bombas. Um perfil que pode ser de milhares ou milhões de pessoas no mundo. Portanto, não foi treinado em nenhum estado nem em nenhuma sociedade islâmica, mas se associou a isso. Além disso, uma pesquisa muito interessante foi feita na década de 80, que é a necessidade de diferenciar a motivação do indivíduo que vai para o atentado dos objetivos da organização que está planejando o atentado, porque quando há um atentado suicida, nos parece que é um tresloucado que um dia resolveu se suicidar. Não é assim, ele se inscreve como candidato e quem faz o resto é a organização. Ela que define quando ele vai, de que forma e, às vezes, até define que ele não vai mais. Então, na década de 80, um pesquisador norte americano pesquisou 40 atentados suicidas no Líbano, quase todos eles organizados pelo Hezbolah, que é uma organização que se reivindica islâmica. A novidade é que ele começou a investigar os indivíduos, e desses 40 atentados, mais ou menos 50% era cometido por indivíduos ligados aos partidos marxistas não religiosos. Encontrou também indivíduos ligados aos cristãos. Portanto é preciso peneirar os objetivos das organizações das motivações de cada indivíduo.

CP – A imprensa contribuiu para a associação imediata entre terrorismo e religião, em especial a islâmica?

Nasser – Sim, não há dúvida nenhuma. Inclusive as informações de quem eram os terroristas do 11 de setembro vieram muito a posterior, muito depois dos EUA e da imprensa repercutir, da mesma forma que, para eles, era evidente que havia uma associação com organizações islâmicas, mais precisamente Al-Qaeda e que haviam (os terroristas) sido treinados no Afeganistão. Não havia prova nem indícios. O mais chocante é que os países, pelo menos boa parte deles, consentiram com isso também, tanto é que essa questão não foi nem colocada na ONU, porque se julgou que foi um ataque que veio de outro território, e, portanto que veio do Afeganistão. É claro que isso é para superar a fraqueza dos EUA, porque se dizia que o país seria incapaz de encontrar os outros terroristas. Então, eles passaram a fazer outra associação, a de que deveriam ir aos territórios nos

A DÉCADA DO TERROR

Reginaldo Nasser discute, em entrevista, as tensões internacionais após o atentado de 11 de setembro



quais esses terroristas foram treinados. Isso é um absurdo por si mesmo, porque eles treinaram pilotar avião, e que eu saiba o Afeganistão não tinha nem aeroporto. Eles treinaram nos EUA. Esse tipo de associação não resiste ao bom senso, mas está em vigência até hoje.

CP – Pode-se comparar essa caça aos terroristas com aquela caça aos comunistas que os EUA faziam no passado?

Nasser – Há uma relação, mas acho que agora é pior, porque, mesmo com todos os problemas que os Estados Unidos viam nos comunistas, eles estavam dentro da esfera da civilização ocidental e da racionalidade (na concepção deles). Então, por exemplo, o comunista quer melhorar a riqueza da sociedade, só que abolindo a propriedade privada. Eles inclusive são ateus e acreditam exageradamente na matéria, mas, para os EUA, são aqueles com quem não é possível conversar. Portanto, esses países vão procurar aquela chamada coexistência pacífica. Isso quer dizer, que é possível nos relacionarmos, os EUA venderam trigo pra URSS. Hoje em dia, não há conversa, os EUA jamais tentariam uma conversa com o chefe da Al-Qaeda, nem um chefe estadual americano pensaria em conversar com o Ahmadinejad. É verdade que os EUA têm a necessidade de que haja um inimigo, mas, as duas situações se diferenci-

am, pois a natureza da ameaça é mais dimensionada. Há artigos da década de 90, de neoconservadores americanos, que assumem a necessidade dos EUA terem um inimigo, isso era explícito pra eles. Naquele momento, estava se construindo o Estado canalha, delinqüente, o Estado que não age de forma racional. O Estado americano em relação à URSS tinha problemas, mas era racional: havia embaixada soviética nos Estados Unidos e embaixada americana na União Soviética. Agora, com esses novos inimigos não há nem diplomacia, nem diálogo, nem acordo: eles têm que ser eliminados. Isso já vem da década de 90 e depois se identificou com o terrorismo e, ainda mais pra frente, com o tipo de terrorismo que é chamado de terrorismo suicida.

CP – Os acontecimentos do 11 de setembro influenciaram na consolidação dos Estados árabes de hoje?

Nasser – Eu não acho. Há uma ligação apenas no sentido inverso. O mundo viu que as revoluções que estão acontecendo vieram sepultar a ideia da associação do Oriente Médio com terrorismo, suicídios, radicalismo religioso. Nós vimos que eles pensam em economia, em política, e nas reivindicações da grande maioria da população. É uma perspectiva nova, saiu-se da bipolaridade: EUA do governo Bush e mundo islâmico do Osama Bin Laden ou do Ahmadinejad. Os Estados Unidos não são todo o Ocidente e Bin Laden, nem qualquer outro, é o Oriente. Claro, que há uma interpretação à esquerda que diz que a revolução árabe é uma invenção do Ocidente. A meu ver, o Ocidente quer se aproveitar dela, mas a revolução existe independente dele. A outra interpretação mais à direita diz que há um dedo da Al-Qaeda nisso. Agora, a mídia já está dizendo que encontraram um membro da Al-Qaeda lá no meio, enquanto você vê milhões de pessoas na rua, você não vê um único atentado, nem uso de armas de fogo. No caso da Líbia é diferente, é uma revolução armada contra o Estado, é uma guerra entre os rebeldes e os mercenários do Gadafi.

“**HOJE EM DIA, NÃO HÁ CONVERSA, OS EUA JAMAIS TENTARIAM UMA CONVERSA COM O CHEFE DA AL-QAEDA, NEM UM CHEFE ESTADUAL AMERICANO PENSARIA EM CONVERSAR COM O AHMADINEJAD**”